



***REPERCUSSÕES NO CURSO DE VIDA DE MULHERES ADULTAS QUE  
VIVENCIARAM O ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA***

***REPERCUSSÕES NO CURSO DE VIDA DE MULHERES ADULTAS QUE  
VIVENCIARAM O ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA***

***LIFETIME REPERCUSSIONS OF ADULT WOMEN WHO EXPERIENCED  
SEXUAL ABUSE AS CHILDREN***

*Maria de Nazaré Sousa Gomes Castro<sup>1</sup>*

*Joaquim de Souza Ribeiro<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Trata-se de um recorte de pesquisa com objetivo de tecer análises quanto as repercussões do abuso sexual sofrido na infância e seus impactos no curso de vida de mulheres hoje adultas. Possui como chave de leitura para marcar o método a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, por permitir compreender o desenvolvimento humano a partir da interação sistêmica de seus elementos. Os resultados indicaram que a criança que sofreu abuso sexual possui imaturidade para compreender os eventos da vida, não tendo compreensão total dos acontecimentos, porém são percebidos como um evento negativo, excessivo, injusto, causador de traumas e intensas repercussões em suas vidas. As vítimas de abuso sexual sofrem com as consequências dos atos praticados contra seus corpos e suas subjetividades, mas também são vítimas de processos anteriores que operam em seus cotidianos, interferindo no caráter das relações nas subculturas pela reprodução de ideologias, crenças e valores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres. Abuso Sexual. Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Manaus.

**RESUMEN**

Se trata de un apartado de investigación que tiene como objetivo analizar las repercusiones del abuso sexual sufrido en la infancia y sus impactos en el curso de vida de las mujeres hoy adultas. La clave para leer el método es la Teoría Bioecológica del

<sup>1</sup> Mestre em psicologia. Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil

<sup>2</sup> Pós-doutor em psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Desarrollo Humano, ya que permite comprender el desarrollo humano a partir de la interacción sistémica de sus elementos. Los resultados indicaron que los niños que sufrieron abuso sexual tienen inmadurez para comprender los acontecimientos de la vida, no tienen una comprensión plena de los acontecimientos, pero son percibidos como un evento negativo, excesivo, injusto, provocando traumas e intensas repercusiones en sus vidas. Las víctimas de abuso sexual sufren las consecuencias de actos cometidos contra sus cuerpos y sus subjetividades, pero también son víctimas de procesos previos que operan en su vida cotidiana, interfiriendo en el carácter de las relaciones en las subculturas a través de la reproducción de ideologías, creencias y valores. .

**PALABRAS-CLAVE:** Mujer. Abuso sexual. Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano. Manaos.

### **ABSTRACT**

This is a research section with the objective of analyzing the repercussions of sexual abuse suffered in childhood and its impacts on the life course of women who are now adults. The key to reading the method is the Bioecological Theory of Human Development, as it allows us to understand human development based on the systemic interaction of its elements. The results indicated that children who suffered sexual abuse are immaturity to understand life events, not having a full understanding of the events, but they are perceived as a negative, excessive, unfair event, causing trauma and intense repercussions on their lives. Victims of sexual abuse suffer from the consequences of acts committed against their bodies and their subjectivities, but they are also victims of previous processes that operate in their daily lives, interfering in the character of relationships in subcultures through the reproduction of ideologies, beliefs and values.

**KEYWORDS:** Women. Sexual abuse. Bioecological Theory of Human Development. Manaus.

\*\*\*

### **Introdução**

A violência sexual contra as crianças é um fenômeno que possui registros documentados ao longo da história do ser humano e, na atualidade, aflige todas as classes sociais, gêneros e etnias. É produto das relações sociais desiguais, frequentemente materializadas contra meninas e meninos que se encontram em desvantagem física, emocional ou social (CRUZ et al., 2021), características que, comumente, representam crianças e adolescentes, sobretudo meninas, muitas vezes inseridas em uma lógica historicamente estruturada de mercantilização e apropriação de corpos.

Assim, considerando o abuso sexual como uma forma de violência sexual, apresenta-se como resultado das relações dispostas em uma sociedade, manifestando-se contra crianças e adolescentes a partir de estruturas pautadas em modelos patriarcais e adultocêntricos que compõem a base das relações cotidianas em nossa sociedade e se

estruturam a partir das assimetrias de poder presentes nas relações. Portanto, a sobreposição de um sexo sobre o outro influencia a manifestação da violência, sobretudo a sexual. Como ressalta Ribeiro (2011), a violência sexual contra as crianças e adolescentes é uma grave violação de direitos humanos, uma vez que implica negativamente no desenvolvimento sexual de forma protegida e segura.

Neste sentido, a literatura especializada sobre violência sexual vem sinalizando quanto ao consenso de que o abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes ocorre frequentemente dentro do contexto familiar, apontando como principais perpetradores pessoas afetivamente próximas como o pai, padrasto, tio e avô (DREZETT *et al.*, 2021). Quanto a essas compreensões ressalta-se a discussão em torno da função proferida ao microsistema familiar, enquanto ambiente propício aos primeiros contatos, trocas afetivas e sociais, onde deve existir relações recíprocas, enquanto base fundamental para a elaboração das representações iniciais e desenvolvimento de competências para a vida.

Porém, as análises dos contextos apresentados descortinam essas representações e apontam para conjecturas que podem ser contraditórias à função designada como a responsabilidade moral de prover as condições de vida e cuidado a seus membros, devendo ressignificar esses conceitos, pois um microsistema, como o familiar, pode caracterizar-se em ambiente protetor ou de risco. Quando se refere ao abuso sexual praticado no contexto familiar, o desdobramento de seus efeitos implica em uma experiência traumática com grande potencial para afetar o desenvolvimento socioafetivo da criança e do adolescente, ocasionando em repercussões negativas que podem operar até a vida adulta e, quando se refere a revelação desse tipo de ocorrência, esse processo ocasiona efeitos para a vida da criança ou adolescente que sofreu abuso sexual, devido ao desenvolvimento em que se encontra.

O que se está querendo dizer é que o abuso sexual ocorrido na infância pode apresentar repercussões a curto e a longo prazo. Crianças e adolescentes que foram abusadas sexualmente podem apresentar graves comprometimentos no desenvolvimento das dimensões sociais, psicológicas, sexuais, emocionais e cognitivas, podendo apresentar pensamento suicida, depressão, automutilação, tentativas de suicídio e suicídio (MACEDO *et al.*, 2019). Assim, quando se refere aos efeitos negativos das experiências do abuso sexual praticado na infância, deve-se considerar que a criança possui imaturidade para compreender os eventos que ocorrem em suas vidas, não tendo compreensão total dos acontecimentos, porém possuem a capacidade de perceber essas ocorrências como negativas, excessivas e injustas.

Como forma de evitar as ocorrências da violência sexual, sua identificação e romper com o silêncio, a constituição de uma rede socioafetiva apresenta-se como primordial, capaz de corresponder às necessidades das crianças e adolescentes e, de forma responsiva, pode ajudá-las no desenvolvimento a partir da garantia de seus direitos fundamentais. No entanto, a inexistência ou fragilidade da rede de parentesco, de apoio afetivo, a carência de políticas públicas capazes de ofertar outras oportunidades à infância corroboram com a manutenção de contextos afetados pela violência e, por conseguinte, o fechamento do sistema familiar. Neste sentido, a escola, microsistema onde a criança interage e desenvolve suas capacidades intelectuais, sociais e afetivas, quando não atua de acordo com suas funções precípuas enquanto rede de apoio social, apresenta fragilidades no estabelecimento dos processos que resulte em trocas confiáveis, abertura para partilhas de vida, experiências significativas, por consequência, a não intervenção em fatores que atuam para o desencadeamento dos comportamentos desadaptados.

Essa restrição relacional e ecológica, que desagua na ausência de uma interação efetiva, com oportunidades para a comunicação emocional livre e aberta, atua como fator de risco ao considerar o desenvolvimento físico, cognitivo e social das crianças. Outros fatores podem incidir como risco ao abuso sexual, devendo ser cuidadosamente refletidos como as questões de gênero, pois apesar da existência de incidência em meninos, os dados denunciam prevalência em meninas, apontando como possíveis determinantes os aspectos sócio-históricos que nutrem as relações sociais pelo modelo do patriarcado (LIMA; ALBERTO, 2015). Ainda, as crenças, ideologias e culturas, gradações macrosociais, se instalam nas subculturas dos microambientes, revelando o potencial para a disfunção nos processos proximais e, portanto, atuam como mecanismos de manutenção do abuso sexual como ciclo que se repete por gerações.

Neste interjogo, a realidade de muitas famílias brasileiras demonstra que a vulnerabilidade está intrinsecamente associada às condições de vida e, portanto, à pobreza e à desigualdade social. Porém, adverte-se que a pobreza não é, em si, a causa de processos de vitimização que ocorrem em ambientes intrafamiliares, havendo consenso de que dela podem decorrer fatores que as expõem em risco.

Quanto as sintomatologias e consequências ocasionadas pelas experiências de abuso sexual na infância, evidencia-se que podem ocasionar efeitos negativos e levar as vítimas a sucumbirem com o sofrimento. Assim, as áreas mais afetadas com significativa repercussão negativa são as sociais, físicas, psicológicas e sexuais, podendo surgir a curto,

médio ou a longo prazo e com intensidades variadas. Podem apresentar níveis de desesperança, capacidades inferiores para autoperdão e níveis mais elevados para estresse pós-traumático, problemas na esfera sexual, depressão e formas de resistência passiva sujeitadas ao(a) mesmo(a) ou a outros(as) agressor(es) (FORNARI; LABRONICI, 2018).

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000), considera os ambientes ecológicos como meios indissociáveis ao desenvolvimento humano, ambos em constante troca de influências entre si e mudanças ao longo do tempo. Nos primeiros modelos definidos nessa teoria, encontra-se o ambiente como foco, após a revisão em seus estudos, outros aspectos fundamentais surgiram para a compreensão do desenvolvimento: **pessoa, processo, tempo e contexto** (PPCT), que se diferenciam de outras propostas metodológicas por suas inter-relações.

No elemento **pessoa**, o foco direciona-se para as características do indivíduo em desenvolvimento, durante a sua trajetória de vida, daí o caráter de constâncias e mudanças. Quanto ao **processo**, este está relacionado aos diferentes níveis de participação da pessoa em desenvolvimento. O elemento **tempo**, possui caráter histórico, ou seja, as transformações, fatos e mudanças que ocorrem através de eventos marcados no transcurso do tempo e o **contexto** ressalta a análise topológica do desenvolvimento humano, enfatizando o conjunto de estruturas organizadas de forma concêntricas, onde cada uma está contida na seguinte, como em conjunto de bonecas russas.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, escolhida para ancorar esta pesquisa considera que a pessoa influencia o ambiente onde atua e é influenciada interdependentemente pelos elementos que compõe o seu contexto, além disso, ressalta-se o processo bidirecional que busca compreender as díades nas quais os processos proximais estabelecem relação, atuando neste interjogo, os elementos objetivos constituintes do ambiente, quanto os subjetivos identificados a partir da experiência e percepção individual. Nesse sentido, o estudo buscou compreender às repercussões na vida adulta de mulheres que foram vítimas de abuso sexual na infância, complementarmente visou descrever como se configurou para as mulheres, em seus cursos de vida, o impacto do abuso sexual.

### **Procedimentos Metodológicos**

Este estudo caracteriza-se por uma pesquisa empírica, de caráter exploratória e qualitativa, pois, de acordo com a natureza da pesquisa, foi importante adotar um modelo

de investigação que privilegiasse o acesso às narrativas das participantes, construídas a partir da subjetividade das experiências vividas, aparecendo sob a forma de como veem a realidade elaborada no que diz respeito aos significados e intencionalidades atribuídos às vivências entre si, com os outros e com os elementos constituintes dos contextos (MINAYO, 2006).

No que diz respeito à pesquisa qualitativa Minayo (2012) corrobora dizendo que, ao fazer ciência é preciso considerar a interdependência entre a teoria, método e técnicas, estruturando os processos para o condicionamento entre esse tripé, onde o modo de fazer irá depender da demanda do objeto e a resposta dependerá dos procedimentos e estratégias utilizadas para a coleta dos dados, mas também está conectada com a experiência acurada do pesquisador e sua capacidade investigativa e de imersão.

Portanto, a pesquisa procurou coligar o modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner com a pesquisa qualitativa como forma de marcar o método e compreender o fenômeno nos seus processos complexos e dinâmicos, privilegiando a compreensão do ser humano de maneira ampla e sistêmica considerando o autor, as propriedades da pessoa, do meio ambiente e os processos que ocorrem como interdependentes (PALUDO; KOLLER, 2005). Para alcançar os objetivos propostos, o instrumento utilizado para esta investigação, foi a entrevista em profundidade semiestruturada como meio para o acesso às narrativas das participantes, constituída por 10 questões e aplicada individualmente. As entrevistas procuraram conhecer o impacto do abuso sexual sofrido, os processos promotores de resiliência e os fatores de risco e proteção presentes nos sistemas de pertencimento das participantes.

As entrevistas foram organizadas como perguntas disparadoras conectadas aos objetivos da pesquisa, sem, contudo, restringir a fala das participantes às questões pré-determinadas (MINAYO, 2006). Contudo, a composição das perguntas levou em consideração os elementos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (PPCT), pensadas e estruturadas para possibilitar a análise e a interação das propriedades da pessoa imbricada em níveis contextuais e temporais no curso de vida. Assim, participaram da pesquisa cinco mulheres adultas, que foram atendidas na Cáritas Arquidiocesana de Manaus, através do Serviço de Atendimento Psicológico a Família – SAPFAM, devido ao histórico de abuso sexual. As mulheres foram acompanhadas pela instituição através de processos psicoterápicos que devido ao contexto pandêmico e obediência às orientações dos órgãos de vigilância em saúde, optou-se pela identificação

das participantes pelos responsáveis do serviço que se disponibilizaram em entrar em contato com as mulheres atendidas, resguardando o sigilo e confiabilidade.

As participantes da pesquisa foram selecionadas a partir dos critérios descritos:

a) Critérios de inclusão: mulheres com idade igual ou superior a 18 anos; mulheres adultas residentes na cidade de Manaus; mulheres que sofreram abuso sexual na infância; mulheres que tenham realizado atendimento psicológico na instituição escolhida para a coleta dos dados.

b) Critérios de exclusão: mulheres estrangeiras; mulheres que estivessem de passagem na cidade de Manaus; recusar utilizar os equipamentos de proteção individual (EPI's) durante a entrevista (máscara cirúrgica, touca e luvas descartáveis, e álcool em gel 70%), oferecidos gratuitamente pelo pesquisador.

As participantes da pesquisa estão identificadas através de codinomes de mulheres que marcaram a história das conquistas dos direitos humanos.

Logo, a pesquisa atendeu as exigências éticas e científicas presentes nas Resoluções 422 do ano de 2012 e 510 do ano de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Visando adequações aos requisitos para a execução, como forma de assegurar a validade, a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CEP-UFAM), aprovada em 12 de junho de 2022 através do parecer, sob o número 5.464 e CAAE 57751622.4.0000.5020. A pesquisa transcorreu após a aprovação mencionada anteriormente e obedecendo o disposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando o sigilo, compromisso com a autodeterminação, autonomia, liberdade e privacidade das participantes, bem como proporcionou esclarecer quanto a participação voluntária. Somente após os esclarecimentos e concordância, as participantes assinaram os Termos, sendo que uma via foi designada para cada parte.

A pesquisadora responsabilizou-se com a autonomia, sigilo e proteção do público participante, ressaltando a ausência de quaisquer recompensas financeiras. Destarte, foi assegurado e disponibilizado atendimento psicológico as participantes. Caso houvesse necessidade e surgisse algum tipo de incômodo ou constrangimento no momento da obtenção dos dados, a pesquisadora suspenderia a entrevista e, se necessário, ela poderia prestar-lhe assistência imediata. Seguindo a fidedignidade dos preceitos éticos, os registros adquiridos através dos áudios para realizar esta pesquisa foram organizados para garantir o anonimato das participantes e foram descartados após a conclusão dos processos dos trabalhos desta pesquisa.

## Resultados e Discussões

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano TBDH propõe que o desenvolvimento humano seja analisado a partir da interação sistêmica de quatro elementos que se inter-relacionam de forma interdependentes: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (PPCT) (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Esses núcleos possuem estreita associação com as estabilidades e mudanças que ocorrem nas características intrínsecas a pessoa ao longo do seu curso de vida, organizando-se cotidianamente dentro da unidade tempo-espaço, levando a aquisição de habilidades cognitivas, afetivas e sociais para a compreensão mais ampliada, estável e válida dos eventos da vida, trajetórias e contextos.

Assim, o componente pessoa, no interjogo com os demais elementos, auxilia compreender o abuso sexual ocorrido na infância, cuja fase expressa características biopsicológicas específicas, numa perspectiva de curso de vida de mulheres já adultas ocorrendo, consecutivamente, mudanças e transformações temporais, maturacionais e ecológicas. A categoria auxilia pensar as características idiossincráticas de cada etapa e as expressões subjetivas considerando desde as crenças e valores compartilhadas no cotidiano até as motivações e metas de vida, implicando posicionamento holístico do observador, sob a ótica de sistemas que se acomodam, se ajustam de forma concêntrica dos micros aos macrossistemas (BRONFENBRENNER, 1996).

Portanto, uma geração sofrerá as marcas das características ecológicas do contexto social do ambiente imediato, mas também dos eventos históricos pertencentes às gerações anteriores. Essa perspectiva nos faz pensar nos processos proximais como forte influenciadores do desenvolvimento e da transmissão de crenças e valores, sendo eles responsáveis pela aquisição de competências ou disfunções frente aos eventos da vida. Assim, ao adotar a análise a partir da perspectiva do curso de vida das mulheres que sofreram abuso sexual na infância, deve-se considerar a repercussão das interações e das transformações evolutivas ao longo de suas trajetórias, devendo analisar os contextos histórico e cultural compatíveis ao fenômeno investigado.

Ao rememorar um evento ocorrido consigo, a pessoa realiza o movimento recursivo com caráter complexo e imprevisível quanto às propriedades pertinentes aos processos, o contexto, a pessoa e o tempo em que aconteceu o evento. Isto contextualiza

o ocorrido atribuindo significado à narrativa (RESTORI, 2011), como observa-se na fala das participantes, a exemplo de Dandara (30):

*“Eu não lembro quando isso começou. Não tenho mesmo memória de quando isso aconteceu pela primeira vez. Quando eu cresci, quando eu entendi alguma coisa ele já me tocava. Eu não consigo mesmo me lembrar quando isso começou, não consigo mesmo. Sempre que eu penso nisso, vem essa desordem de tempo. Eu não consigo ordenar”.*

A perspectiva cronossistêmica apresenta-se notavelmente ao fazer referência à dificuldade em organizar mentalmente o evento ocorrido devido ao transcurso do tempo, mas também ressalta as características da criança durante a ocorrência do evento evidenciando que o entendimento sobre suas experiências da vida acontece de forma desequilibrada e confusa, como ressalta Malala, 35:

*“Eu não entendia por que eu era uma criança e eu não sei o que era aquilo, eu não sabia o que era sexo”.*

Os dotes que seriam as capacidades, conhecimentos, habilidades e experiências que a pessoa adquire durante o curso de vida, auxiliam no engajamento efetivo dos processos proximais de maneira construtiva, porém ambientes desfavoráveis e desorganizados limitam e abalam a integridade do desenvolvimento afetando a qualidade dos processos proximais (PALUDO; KOLLER, 2005). Nota-se assim, que a criança possui imaturidade para compreender os eventos da vida, não tendo compreensão total dos acontecimentos, portanto não estão aptas para concordar ou consentir com os atos praticados consigo, sendo percebido por elas como um evento negativo, excessivo e injusto, causador de traumas e intensas repercussões em suas vidas.

*“Por isso, quando aconteceu eu não sabia que não devia! Quando entramos na adolescência que a gente descobriu que aquilo era errado, era proibido falar sobre isso”.* (MARIA DA PENHA, 42).

*“Quando eu cresci eu passei a compreender o que é isso, o que é um abuso sexual e os traumas que eu sofri”.* (MALALA, 35)

Frente ao vivido pelas entrevistadas, a literatura científica que trata sobre as repercussões do abuso sexual sofridos na infância e adolescência, evidencia que estas apresentam problemas na esfera psicológica, física, intelectual, social e sexual. Esses eventos traumáticos são potencialmente prejudiciais à estrutura ao desenvolvimento da pessoa, podendo ocasionar em dificuldades diversas, como uma cicatriz emocional de

difícil superação e recordação, impondo barreiras ao recordar (COSTA, 2007). O relato de Malala, traduz a compreensão de que a criança manifesta dificuldades em evitar o abuso sexual, que é um ser párvulo, singular, terno, ingênuo, em processo de construção da sua subjetividade, identidade, sexualidade, tendo suas necessidades e desejos próprios da fase, estando em desvantagem frente ao adulto.

Isto, auxilia pensar que as mulheres participantes compreendem o abuso sexual ocorrido consigo na infância como uma grave violação do direito de desenvolver-se sexualmente de forma protegida e segura, como um trauma que deixa lesões que perduram ao longo de suas experiências. A transgressão da função de proteção e cuidado do adulto também repercutiu negativamente na saúde biopsicológica dessas mulheres, mas também nas interações cotidianas, no desenvolvimento cognitivo, na forma com a qual sentem e veem o mundo, a vida e a si mesmas. Nota-se que, o evento estressor ocorrido em um microsistema repercute nos demais sistemas de pertencimento, podendo ser observado no relato Zacimba Gaba, 40:

*“Aí eu comecei a me vestir com roupas muito largas pra não mostrar o meu corpo. Eu andava praticamente que nem um menino. Eu andava com blusa assim muito acima do meu número. Eu não mais fazia amizades mais com meninos. Eu tive problemas na escola. A minha média era quase sempre cinco. E ninguém percebia nada”.*

Quanto ao microsistema escolar, apresenta-se nas narrativas das mulheres sem expressividade afetiva, sinalizando ausência de reciprocidade e, portanto, imbricações nos processos proximais e na sua função precípua enquanto lugar de políticas públicas criadas para a formação de crianças e adolescentes, ainda, como espaço de oportunidade sociocultural. A criança atua e opera no mundo a partir de seu universo constituído nas interações com os elementos de seu contexto ecológico, apresenta o aprendizado ou suas limitações ternamente ao adulto, porém o ambiente escolar, principalmente os públicos, são atravessados por deficiências, as quais impossibilitam cuidar individualmente das pessoas e identificar fatores que possam incidir no comportamento desadaptado.

Assim, considerando a multiplicidade das consequências do abuso sexual, evidencia-se repercussões na trajetória escolar das mulheres, dificultando nos processos de aprendizagens, influenciando no comportamento, nas funções afetivas e sociais. Os efeitos deletérios, múltiplos e de largo alcance, podem ser percebidos no ambiente escolar, pois é nesse lugar que as crianças demonstram suas habilidades, competências e suas fragilidades e

sintomas, como: medo, depressão, raiva, frustração, dificuldades de aprendizagens, comportamentos hiper sexualizados ou inapropriado.

Colabora com essa vivência Malala, 35, que ressalta:

“Aí quando a professora me ensinava até que eu sabia, mas aí o medo me deixava toda trancada, até no ponto do ensino, me bloqueava”.

O ambiente estressor e desfavorável ao pleno desenvolvimento da pessoa ocasiona em processos proximais disfuncionais, impactando no modo de vida das pessoas e nas suas interações com os demais ambientes, podendo apresentar dificuldades para manter o controle e a estabilidade socioafetiva. A presença do intenso risco e vulnerabilidade no cotidiano das mulheres participantes, determinada pela violência sofrida, mas também por um ambiente ecológico negligente, caótico, inseguro, com escassez de recursos e instabilidade socioemocional interferiram em suas trajetórias. Esses fatores associados com a inexistência de uma rede de apoio, limitaram a oportunidade de estabelecerem processos proximais propícios ao desenvolvimento de competências para conduzir e direcionar a vida com domínios evolutivos.

“Diante de tudo isso, eu só tive suporte quando eu me informei e fiquei mais velha que eu fui entender. Eu tinha medo de homens”. (MALALA, 35).

“Eu não contei para ninguém por que eu tinha medo. Eu não sei por que eu tinha tanto medo de contar”. (ZACIMBA GABA, 40)

A compreensão da violência sexual precisa englobar os contextos, desde os imediatos aos mais distantes, incluindo os processos interrelacionais, sistematizando com os acontecimentos macrossociais quanto a influência histórico-cultural. Assim, o abuso sexual perpetrado contra a criança, possui forte influência da trajetória da humanidade ao longo da história, resultando na naturalização das transgressões dos direitos, sobretudo, de crianças e adolescentes e na não responsabilização dos autores. O macrossistema que envolve crenças, ideologias, valores, padrões generalizados, constituídos pelos acontecimentos históricos, possui contornos expressivos de violência (sistêmica e estrutural) perante a incidência de crianças e seus familiares em precárias condições de vida devido a pobreza e miséria (ASSIS, MOREIRA; FORNASER, 2021).

Destarte, contextos autoritários subjagam as crianças e adolescentes através do exercício do poder, uma prática excessiva herdada do Brasil Colonial e que perdura

atualmente. É relevante ressaltar que o sentido de infância é construído no contexto de cada grupo social, a partir da perspectiva de subcultura, assumindo sentidos que variam de acordo com o contexto e momento histórico. Esse cenário denuncia que, as vítimas de abuso sexual na atualidade sofrem com as repercussões dos atos praticados contra seus corpos e, quando criança, viola a liberdade de poder crescer livre e protegida, mas também são vítimas das repercussões de processos anteriores que operam em seus cotidianos, interferindo no caráter das relações das subculturas pela reprodução de ideologias, crenças e valores.

*“Só que a minha mãe me chamava muitas vezes de enxirida, entende? Então assim, olha só, eu é que me sentia culpada, entendeu? Porque o que acontecia comigo de ser abusada era culpa minha. Assim eu pensava. Ai eu não contava. Ela nunca falou que eu tinha que ter cuidado porque têm homens que se aproveitam assim, assim, assim, entende. E aí eu nunca tive esse esclarecimento”.* (ZACIMBA GABA, 40)

O grupo familiar corresponde a um eixo moral, cujas fronteiras sociológicas são delimitadas a partir do princípio da obrigação. “É idealizada para ser recanto de nutrição afetiva, apoio nos enfrentamentos da vida, estímulos e aconchego” (AGOSTINHO, 2010, pg. 28). A família é concebida como um lugar socioafetivo, o primeiro microssistema entendido como formador da construção social da pessoa, da subjetividade, afetividade, que transmite valores fundamentais a seus membros, porém quanto ao advento de acontecimentos capazes de abalar ou destruí-la, a aceitação se torna altamente estressante e difícil. A família, na TBDH é o microssistema onde ocorrem as primeiras interações sociais da criança, nela estão presentes os primeiros cuidadores, adquirindo conceitos, regras, e práticas culturais que irão orientar a socialização em outros ambientes, assim, a família é a responsável pelo desenvolvimento socioemocional da criança, podendo ser positiva ou não (PETRUCCI; BORSA; KOLLER, 2016).

Porém é perceptível na vida e histórias contadas e compartilhadas pelas participantes que, nem todas as famílias cumprem a função designada e esperada, sendo muitas vezes um lugar desprotegido, inseguro, reprodutor de hábitos nocivos e causador de adoecimentos. Por ser, a família, um sistema aberto e em mudanças sequenciais, sofre as influências de informações com os demais sistemas extrafamiliares, assim, as atitudes de cada membro serão orientadas pelas características intrínsecas ao próprio sistema familiar, mas também pode mudar diante de eventos externos (COSCIONE, 2018).

Ainda, o desenvolvimento ontogenético da família, demonstra incidência na qualidade dos processos proximais entre pai/mãe e seus filhos, uma vez que há evidências de que os pais, também, foram vítimas de violência sexual em suas trajetórias de vida. Essa ocorrência reflete incisivamente na forma da socialização entre seus membros e práticas desenvolvidas na família.

A perspectiva macrossistêmica reflete nas relações intrafamiliares uma vez que há interação da díade conjugal e deles com a criança, assim compreende-se que ambos influenciam uns aos outros, havendo no implícito o entendimento de que a criança é responsável pela violência que sofre.

*“Minha irmã me falou que ele também fazia a mesma coisa com ela. Essa minha irmã é mais velha dois anos do que eu. Então não era só de mim que ele se aproveitava. Ai eu acho que o meu sofrimento foi muito grande quando eu descobri isso que ele fazia com a minha sobrinha” (DANDARA, 30).*

Os processos proximais atuam como força propulsora do desenvolvimento, atuando nas interações estabelecidas no ambiente imediato e de forma progressiva, conduzindo relações mais complexas e recíprocas, assim, a forma, a força, o conteúdo e a direção dos processos proximais. “Eles são a força motriz do desenvolvimento humano” (STACHEIRA et al., 2020, pg. 2020). Portanto, variam a depender das características da pessoa, do ambiente, tanto imediato como mais remoto de onde eles ocorrem, da natureza dos resultados evolutivos, das transformações, continuidades e descontinuidades sociais ao longo do tempo histórico em que a pessoa viveu (PALUDO; KOLLER, 2005).

Porém, é válido destacar o caráter genético presente nessa dinâmica como influenciador nos processos proximais e, portanto, na formação fenotípica que caracteriza o contexto. A herdalidade psicológica opera na dinâmica dos processos proximais produzindo padrões geneticamente determinados, possuindo forte influência quanto a natureza dos ambientes (PALUDO; KOLLER, 2005). A exemplo do vivido pelas mulheres, o ambiente de risco e vulnerabilidade, destacados nas histórias compartilhadas, contribuíram na fragilização substancial da possibilidade de terem crescido de forma protegida e segura.

*“E quando naquele momento eu acabei me colando no lugar da minha mãe, nas dores que ela passou e o sofrimento mental que ela passou também porque também ela foi abusada”.* (MALALA, 35)

A documentação do abuso sexual não é recente, possuindo evidências ao longo da história do ser humano, porém apesar da sua existência ter grande incidência nas sociedades, esse assunto ocasiona polêmicas e tabus, pois necessita de quebras de paradigmas, estereótipias e conceitos que foram, ao longo do percurso histórico, cristalizados. Corroborar com essa análise Assis (1994) ao considerar que, a violência contra crianças e adolescentes remonta a trajetória da humanidade, presente nos registros mais primitivos, sob inúmeras formas de expressões e adaptando-se às particularidades das culturas e ao momento histórico, destarte, é comum encontrarmos nos registros históricos a eliminação de crianças e adolescentes, a prática do infanticídio e do homicídio.

Portanto, modelos dominantes com forte estrutura hierárquica entre gêneros e desempenhos de papéis sociais, correspondem a tradição de que a mulher e as crianças devem ser obedientes a figura do pai-homem, perpetuando de geração em geração. A existência de estruturas dos macroambientes incidem nos microambientes e, portanto, nos processos proximais, como revelam as falas:

*“A minha mãe nunca tinha falado sobre isso comigo, o que é sexo, o que é relação sexual e o que um homem faz com uma mulher”.* (MALALA, 35).

*“Nunca contei isso pra mamãe e nem pro meu pai. Primeiro, eles eram muito antigos, de uma mente muito antiga, eu achava que eles iam achar que aquilo era culpa minha também”.* (DANDARA, 30).

*“Quando cheguei em casa eu falei para minha mãe e senti que sofri mais uma vez o abuso quando minha mãe pediu para não falar para o meu irmão. Isso me deixou muito triste”.* (TEREZA DE BENGUELA, 60)

Cabe pontuar a dificuldade que as vítimas de abuso sexual sofrem para descortinar suas vivências, pois frequentemente a família encoberta a violência buscando proteger o agressor, evitar exposições ou os transtornos decorrentes das denúncias e rompimentos dos vínculos, assim a naturalização desse tipo de violação torna-se um problema social severo, uma vez que colabora para a cultura do silêncio.

*“Sempre carregando uma carga muito forte, eu não perdoava a minha mãe e nem meu pai”.* (TEREZA DE BENGUELA, 60).

No que tange o relato de Tereza de Benguela, as vítimas convivem com mais uma realidade a minimização e banalização do sofrimento e, quando criança, não contam com as pessoas que deveriam proteger, amar e cuidar. A revelação do abuso sexual é para a criança um momento crucial. Segundo Habigzang, Ramos e Koller (2011) é um momento que pode ocasionar revitimização, caso os adultos não forem responsivos e não acreditarem em seu relato, deixando-as desprotegidas e vulneráveis. Assim, há prejuízos afetivos devido à quebra da confiança, estendendo-se às suas outras relações imediatas e nas distantes ou nas que se estabeleceram no curso da vida. Essas experiências elucidam a concepção de que existe a vitimização primária, mas também a secundária e a própria auto-vitimização secundária, pois além de terem que conviver com as repercussões negativas do abuso sexual, tornam-se vítimas uma segunda vez pelas pessoas que com elas interagem.

*“Meu sentimento era de me vingar”.* (TEREZA DE BENGUELA, 60)

É significativo destacar a marcante presença da figura da mãe nos relatos das mulheres, evitando conduzir a uma interpretação equivocada sobre seu papel frente à violência e acusá-la de negligente e conivente, desviando a responsabilização do verdadeiro agressor, nesta dinâmica, a mãe pode viver o sofrimento como vítima e como testemunha (AGOSTINHO, 2010). Porém, é sabido que em famílias onde ocorre o abuso sexual há trocas de papéis e de responsabilidades, onde as mães se tornam cúmplices da violência levando a vítima a sofrer outra violação como o abandono e o sentimento de desprezo da pessoa mais próxima em que se poderia confiar. O silêncio opera na vida das vítimas de abuso sexual como sinal de impotência perante a força externa, levando-a ao sentimento de desproteção, medo de perder o afeto familiar e muitas vezes do autor da violência, temor de ser desacreditada, que a culpabilizem, de sofrer represálias e desenvolver mecanismos de defesa como cisão, negação e a própria identificação projetiva.

A revelação do abuso sexual é para a criança um momento crucial, segundo Habigzang, Ramos e Koller (2011) é um momento que pode ocasionar revitimização,

caso os adultos não forem responsáveis e não acreditarem em seu relato, deixando-as desprotegidas e vulneráveis.

*“Óbvio que depois que vim estudar eu vim entender por que eu agia de algumas formas e que poderia ser por causa da questão do abuso”.* (DANDARA, 30)

Ainda, o desenvolvimento de emoções fortes como o ódio, mágoas e rancor transformam-se em recursos que atuam frente as vivências de frustração e desprazer. Ao experienciar o abuso sexual, nota-se que o sentimento negativo permanece no psiquismo podendo ocasionar em ataques contra si mesmas.

*“A pior coisa que tem é a vingança, tentava me vingar nos homens, porém com isso eu me machuquei muito”.* (TEREZA DE BENGUELA, 60)

Quanto a relação do autor da violência com a vítima, nota-se que ele age de maneira a conduzir para a dessensibilização dos contatos sexuais, muitas vezes envolvida numa trama que progride de tal forma que as leva a crença de que consentiu o abuso, uma vez que manteve o silêncio e não recusou às carícias, agindo de forma corresponsável sobre esses atos.

*“Por que normalmente as pessoas carregam uma culpa muito grande. A gente acha que foi nossa culpa, que a gente que se enxeriu, que a gente que deu abertura pra pessoa mexer com a gente e ser abusivo”.* (DANDARA, 30)

Existe no imaginário das pessoas, o mito de que a criança pode atuar como sedutora, que com sua conduta envolve-se em jogos sexuais permitindo as investidas de carícias e atos sexuais, principalmente quando existe a comprovação de que ela possui sentimentos positivos pelo abusador e, na ausência da força física, fortalece a resistência em conceber esses atos como crimes sexuais. Esse posicionamento leva a incorrer o erro de acreditar que a criança poderia evitar o abuso sexual, culpabilizando a vítima por não ter enfrentado as investidas e atos. O sentimento de culpa surge enfaticamente por acreditarem que, de alguma forma, elas despertaram o desejo, provocando o evento ocorrido.

*“Acho que como não era agressivo, eu não senti como um trauma, pois eu não entendia que era errado, mas hoje eu não gosto de olhar pra ele. Eu procuro manter distância”.* (MARIA DA PENHA, 42).

Dandara, 30, relata que:

*“Ele ria cinicamente. Ele não me abraçava. Ele era cínico. Ele era nojento. Ele ria de mim quando eu dizia olha eu vou falar pro papai [...] Ele ria de mim e dizia mas tu gosta! Agora eu era uma criança...gostar de um troço desse?”.* (DANDARA, 30)

Ainda, a sociedade compartilha a crença quanto a um mundo justo, onde cada pessoa tem aquilo que merece, que coisas boas acontecem com pessoas boas e coisas ruins acontecem com pessoas ruins (VALA; BORSA, 2003), assim acredita-se que cabe às vítimas de situações adversas a responsabilidade das ocorrências e consequências de tudo que ocorre em suas vidas. Ao contrário do exposto, a passividade infantil leva a estruturação de uma subjetividade que busca a aceitação dos outros, num funcionamento de anomia, onde sacrifícios da individualidade acontecem, deixando de ser protagonista e sujeito da sua história, um ser singular para tornar-se posse e objeto do outro. Essa compreensão pode ser identificada nas falas a seguir:

*“Dá medo e a pessoa se tranca em si mesma.”* (MALALA, 35)

*“Se eu falar para a mãe ela vai me bater porque eu dou confiança. Eu tinha muito isso e, principalmente por querer proteger minha irmã, de saber que ela poderia se magoar se ela soubesse sobre aquilo. Isso me impedia de falar”.* (DANDARA, 30)

A intervenção inadequada ou a inércia de providências quanto ao abuso sexual agrava as consequências negativas na saúde das vítimas, podendo desenvolver visão distorcida do mundo, de seus relacionamentos e de si mesmas. Porém, a idade da criança na época do abuso, a duração, a frequência, modalidade dos atos, a utilização da força ou não, a relação da criança com o autor da violência e o impacto da revelação, influenciam no modo e intensidade da repercussão ao longo da vida.

*“Era constante e eu tinha medo. Eu me sentia muito mal. Eu era uma mulher medrosa, rancorosa, magoada, eu sentia nojo de mim mesma. Nojo, nojo, nojo de mim. Eu vivia enojada. E não achava isso certo”.* (MALALA, 35)

Dentre as sintomatologias apresentadas em estudos sobre a repercussão do abuso sexual encontram-se: baixa auto-estima, depressão, transtorno de estresse pós-traumático

(TEPT), dificuldade de dormir, comportamentos borderline, autolesão, comportamento suicida, transtorno psicótico, alucinações auditivas (CRUZ et al., 2019).

*“Eu acordava de madrugada, eu acordava com medo, eu acordava chorando, eu era uma mulher medrosa, melancólica, eu chorava...Faltava algo. Até quando eu tava com meu marido, eu tinha medo de homem. Os homens me causavam medo, pavor”. (MALALA, 35)*

O intenso sofrimento da vivência do abuso na infância pode levar a mulher adulta ao sentimento de inferiorização, culminando em sintomas depressivos e ansiosos, agravando-se ao longo dos anos.

*“Antigamente, devido ao abuso eu tinha dores na alma. Eu chorava por qualquer motivo. Eu me lamentava. Eu me perguntava pra quê que eu estava viva ainda, porque que tudo isso tinha acontecido comigo”. (MALALA, 35)*

A participante Tereza de Benguela, 60, relata que:

*“Após esses episódios passava na minha cabeça pensamentos sobre o abuso, da perda da minha mãe. Tive meu filho e a minha filha, mas eu convivia com um vazio dentro de mim [...]. Tive cuidado para não me prostituir, mas eu me culpava muito”.*

Cabe destacar que, o adoecimento psicoemocional se relaciona com a ocorrência de processos de somatização, transferindo os problemas de ordem psicológica para o corpo, ocasionados pelo abuso sexual, ao longo da vida.

*“Não conseguia dormir e nem tomar banho”. (TEREZA DE BENGUELA, 60).*

De acordo com Cruz et al. (2019), a dimensão humana mais afetada em vítimas de abuso sexual na infância é a da sexualidade. Frequentemente, relatam manifestar transtornos sexuais caracterizados por medo na intimidade. Algumas participantes relacionaram os conflitos de identidade de gênero, sentimentos e desejos por pessoas do mesmo sexo e aversão a relacionamentos com pessoas do mesmo sexo do agressor, enquanto vivências resultantes das experiências com o abuso sexual. Há situações em que

a pessoa desenvolve repugnância e repulsa ao ato sexual e às suas áreas genitais, como no relato de Dandara, 30:

*“Apesar de conseguir reconhecer através da psicoterapia algumas situações próprias que são decorrentes desse momento, sobretudo no que se refere à sexualidade. A gente sente desejo em mulher verdadeiramente, de não querer ter marido, de não querer ter homem por perto, de ficar com outras mulheres porque a gente se sentimos mais à vontade”.*

Maria da Penha, 42, colabora dizendo:

*“Acho que tem repercussão na minha vida sexual, eu não gosto de certas coisas, me causa nojo. Eu tenho vergonha das minhas partes íntimas, com o tempo eu não aceitava a minha vagina”.*

Ainda, segundo Fromm (2000), o amor possui caráter ativo que corresponde aos elementos primários para relacionamentos equilibrados e sadios como o respeito, cuidado, a responsabilidade e o conhecimento, negá-los ou negligenciá-los é desprezar sua humanidade e, portanto, a própria vida. Assim, os vínculos presentes na vida das mulheres hoje, são nutridos pelo o que foi vivido e imaginado, como ressalta Zacimba Gaba, 40:

*“Hoje a minha avó tem quase cem anos, mas eu não sou mais próxima dela e nenhuma das minhas irmãs também”.*

As vivências com o abuso sexual resultaram no rompimento do vínculo com sua avó e, portanto, na tentativa de afastamento dos ambientes e interações que ocasionaram, em sua história de vida, dores e sofrimentos. Neste caso, a reminiscência possui força que impulsiona seguir adiante, cria e recria o futuro, se a vida se movimenta para frente em direção do futuro, terá como ponto de partida o passado.

### **Considerações Finais**

O abuso sexual praticado contra a criança e adolescente possui forte influência nas decisões históricas e da trajetória da humanidade, marcados no macrotempo, resultando na naturalização das transgressões dos direitos, sobretudo, de crianças e adolescentes e na impunidade dos atos praticados. Observou-se que contextos autoritários

subjugam as crianças e adolescentes através do exercício do poder abusivo. Uma prática excessiva colonialista e que perdura atualmente. Ainda que existam estruturas sociais e leis, governamentais e não governamentais, que assegurem o direito das crianças e adolescentes, o índice de abuso sexual e outras violências contra a infância só tem demonstrado crescimento.

O abuso sexual intrafamiliar apresenta-se engendrado a uma complexidade de fatores e remete a confusão no desempenho de papéis pelo cuidador, que por vezes atua como promotor da proteção e cuidados e em outros momentos negligencia e viola seus direitos, resultando na ausência de uma comunicação livre, com segredos, baixa coesão, conflitos e na inversão de papéis. A existência da violência nesses contextos, torna o ambiente antagônico, caótico, confuso, podendo levar a disfunções, pois quem deveria proteger, amar e cuidar acaba machucando e colocando a criança em risco. Esse cenário, reforçado pelas partilhas das participantes, nos leva a questionar o sentido de infância na sociedade, enquanto construção no contexto de cada grupo social.

As análises apontam para uma realidade onde as vítimas de abuso sexual, na atualidade, sofrem com as repercussões dos atos praticados contra seus corpos e, quando criança, viola a liberdade de poder crescer livre e protegida, mas também são vítimas das repercussões de processos anteriores que operam em seus cotidianos, interferindo no caráter das relações nos microambientes, pela reprodução de ideologias, crenças e valores macrossociais.

Quanto as sintomatologias clínicas e comportamentais decorrentes do intenso sofrimento ocasionado pela história de abuso sexual na infância, independentemente da quantidade, frequência e tipo de abuso sexual os impactos geram sérios prejuízos e interferem no referencial de vida das vítimas, podendo produzir comportamentos autodestrutivos, baixa autoestima, depressão, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), dificuldade para dormir, comportamentos borderline, autolesão, comportamento suicida, transtorno psicótico e alucinações auditivas. Contudo, mesmo tendo experienciado significativos impactos do abuso sexual e dos demais eventos adversos de suas vidas, as mulheres apresentaram pronto progresso para seguirem em frente, sobrepujando os efeitos deletérios ocasionados pelo abuso sexual.

A privação ecológica e social, apresenta-se como fator que inibe as relações sociais, conduzindo a falta de interações com as pessoas. Portanto, a flexibilidade dos sistemas deve garantir a participação em outros ambientes com suportes sociais como: a

escola, igreja, trabalho, comunidade e serviços de saúde. Mesmo diante de um contexto desfavorável ao pleno desenvolvimento (se é que isso seja possível), é sempre importante e possível prevenir, minimizar os efeitos deletérios e reconstruir-se, continuar suas trajetórias de vida de forma sadia e favorável, amenizando a dor ou dar outro significado para a dor e o sofrimento.

Portanto, Identificar fatores de risco pode ser uma estratégia que conduza ao favorecimento de programas de intervenção em que modifique as situações causuísticas incompatíveis com o desenvolvimento proximal que agrega interações construtivas e sadias, mas também estratégias e programas sociais, políticas públicas direcionadas para a possibilidade de socialização dos afetos, sentimentos de pertencimento com caráter de reciprocidade, ajuda e apoio às famílias para a superação de suas adversidades e conflitos, dentre as quais o empobrecimento, precisam ser consideradas. Ainda, mesmo compreendendo que esta pesquisa não encerra a discussão sobre as temáticas apresentadas, há necessidade de tecer novas investigações com olhares sistêmicos que conduza a compreensões e que ultrapasse o individualismo, com leituras imbricadas nos sistemas de pertencimento da pessoa elencados: processo, pessoa, contexto e tempo (PPCT), como forma de elucidar os fatores que tornam o abuso sexual cada vez mais frequente e cultuado socialmente para que se possam criar estratégias preventivas e interventivas mais eficientes, eficazes e éticas.

## Referências

AGOSTINHO, Tiago. *Crianças abusadas sexualmente: relações familiares e suas implicações psicopatológicas* (Monografia) – FACIS - Faculdade de Ciências da Saúde, Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Transtornos e Patologias Psíquicas. São Paulo, 2010.

ASSIS, Diana Cavalcante Miranda de; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; FORNASIER, Rafael Cerqueira. Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner: a influência dos processos proximais no desenvolvimento social das crianças. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 10, e582101019263, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.19263>. Acesso em: 18.09.2022.

ASSIS, Simone Gonçalves. Crianças e adolescentes violentados: presente e perspectivas para o futuro. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500008>. Acesso em: 20.09.2022.

BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela A. The ecology of developmental processes. In DAMON, W.; LERNER, R. M. (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (pp.993–1028), 1998. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2005-01926-019>. Acesso em: 20.09.2022.

BRONFENBRENNER, Urie; EVANS, Gary. Developmental science in the 21st century: emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 115-125, 2000.

COSCIONI, Vinicius; NASCIMENTO, Danielly Bart do; ROSA, Edinete Maria; KOLLER, Sílvia Helena. Pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa. *Psicologia USP*, 208, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420170115>. Acesso em: 18.09.2022.

COSTA, et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(5), 1129-1141, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000500010>. Acesso em: 03.08.2022.

CRUZ, et al. Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa. *Ciênc. Saúde coletiva*. 26 (4), abr, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.02862019>. Acesso em: 18.09.2022.

DREZETT, et al. Estudo de mecanismos e fatores relacionados com o abuso sexual em crianças e adolescentes do sexo feminino. *Jornal de Pediatria. J. Pediatr.* Rio de Janeiro. 77 (5), Out, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0021-75572001000500013>. Acesso em: 23.10.2022.

FORNARI, Lucimara Fabiana; LABRONICI, Liliana Maria. O processo de resiliência em mulheres vítimas de violência sexual: uma possibilidade de cuidado. *Cogitare Enferm.* (23)1: e52081, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v23i1.52081>>. Acesso em: 12.11.2022.

FROMM, E. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

HABIGZANG, Luísa F.; AZEVEDO, Gabriela Azen; KOLLER, Sílvia Helena; MACHADO, Paula Xavier. Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. *Psicol. Reflex. Crit.*, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/mkmzQRTLrhQzxxk5hnmKhVrn/?lang=pt>. Acesso em: 18.09.2022.

LIMA, Azevêdo; ALBERTO, de Fátima Pereira. O olhar de mães acerca do abuso sexual intrafamiliar sofrido por suas filhas. *Psicol., Ciênc. Prof.* 35 (4), Dez, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001692013> . Acesso em: 12.03.2022.

MACEDO, et al. Revisão sistemática de estudos sobre registros de violência contra crianças e adolescentes no Brasil. *Ciênc. saúde colet.* 24 (2), Fev, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.34132016> . Acesso em: 03.10.2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciênc. saúde coletiva* 17 (3), Mar, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 03.05.2022.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Silvia Helena. Resiliência na Rua: Um Estudo de Caso. *Psic.: Teor. e Pesq.* 21 (2), Ago, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000200009>. Acesso em: 04.05.2022.

PETRUCCI, Giovanna Wanderley; BORSA, Juliane Callegaro; KOLLER, Sílvia Helena. A Família e a escola no desenvolvimento socioemocional na infância. *Temas psicol.* vol.24 no.2 Ribeirão Preto, jun., 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.2-01Pt>. Acesso em: 13.05.2022

LEME, Vanessa Barbosa Romera; PRETTE, Zilda Aparecida Pereira Del; KOLLER, Silvia Helena; PRETTE, Almir Del. Habilidades Sociais e o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano: Análise e Perspectivas. *Psicol. Soc.* 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015aop001>. Acesso em: 16.06.2022.

RESOLUÇÃO, *resolve aprovar as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. 466 de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 08.06.2022.

Resolução, *dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução*. 510 de abril de 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 08.06.2022.

RESTORI, Antonio. Attenzione sensibile al contesto. *CAMBIA-MENTI: Rivista dell'Istituto di Psicoterapia Sistemica Integrata. Modelli irriverenti*,3, p. 5-11, 2011.

RIBEIRO, Joaquim Hudson de Souza. Espaços violados: uma leitura geográfica e psicossocial da violência sexual infanto-juvenil na área urbana de Manaus. 2010. 328f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. São Paulo, 2011.

STACHEIRA, Claudio Roberto; VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; RAVAROTO, Neusa Maria; MOURA, Leides Barroso Azevedo. Modelo interdisciplinar para análise teórica da ação da escola na promoção do desenvolvimento à escala humana. *Interações (Campo Grande)* 21 (1), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/inter.v21i1.2227>. Acesso em: 16.09.2022.

Recebido em setembro de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.